

A IMPORTÂNCIA DO PIBID, NA SUPERAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS E REJEIÇÃO A CULTURA AFRODESCENDENTE

Alisson da Silva Souza¹

Diana Sousa Lisboa²

RESUMO

O presente trabalho tem como principal finalidade relatar experiências vividas no projeto do PIBID, no subprojeto “*Memórias, Contos E Encantos Nas Expressões Socioculturais E Históricas No Cotidiano Dos Afro-Brasileiros*” vinculado ao curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus V, apresentado e aprovado no edital PIBID/CAPES-DEB nº 011/2012, em fase de desenvolvimento na Escola Municipalizada Antônio Fraga, destacando a relevante importância do projeto para o estudante da área de licenciatura. Outra pretensão foi realizar uma crítica à eventual literatura utilizada nas escolas de todo o Brasil, onde o negro é visualizado sempre de forma negativa, e o branco concebido continuamente como um ser altamente superior. A abordagem deste trabalho ambicionou ainda a consideração da tamanha diversidade de literaturas africanas existentes, possuidora de uma complexidade de temáticas e suas implicações na educação e no combate ao racismo.

Palavras chave: Educação, cultura afrodescendente, racismo.

ABSTRACT

This work has as main purpose to report experiences in PIBID project, subproject "Memories, Tales And Charms In Sociocultural and Historical In Everyday Expressions Of Afro-Brasileiros" linked to the Bachelor's Degree in History from the State University of Bahia - UNEB - Campus V, presented and approved in the announcement PIBID / CAPES-DEB No. 011/2012, under development at the School municipalized Antonio Fraga, highlighting the importance of the project relevant to the student's area of licensure. Another intention was to conduct a review of any literature used in schools throughout

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Recôncavo Baiano, professor supervisor do PIBID na Escola Municipalizada Antônio Fraga.

² Aluna e Bolsista ID do curso de Licenciatura em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – DCH Campus V, atuante na Escola Municipalizada Antônio Fraga.

Brazil, where black is always viewed negatively, and white continuously being designed as a highly superior. The approach of this work still aspired consideration of such diversity of African literature, possessing a complexity of issues and their implications for education and in combating racism.

Keywords: Education, culture African descent, racism.

INTRODUÇÃO

O PIBID- Programa de Bolsa de Iniciação à Docência, é um Programa da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) o qual possui como objetivo o estímulo a formação inicial e continuada de profissionais do magistério básico. Na prática, há uma articulação com a participação de estudantes dos Cursos de Licenciatura dentro das escolas de Educação Básica. Este trabalho é acompanhado e orientado por supervisores e professores da Universidade na qual há um subprojeto inscrito.

A UNEB, só inicia sua participação no PIBID em 2009, e neste ano, foram inscritos onze subprojetos. Em 2011, o numero cresce e foram inscritos dezoito subprojetos, e em 2012 alcança-se um numeroso índice de trabalhos inscritos, sendo aprovados trinta e nove subprojetos, distribuídos em dezoito campis com a participação de 712 bolsistas de Iniciação à Docência (ID). Os bolsistas de Supervisão foram 106 e os trabalhos foram aplicados em 53 escolas públicas (municipais e estaduais). A equipe responsável pela coordenação deste Programa na UNEB é composta pelas seguintes docentes: Dayse Miranda, Camila Figueiredo, Marcea Sales e Patrícia Julia Coelho³.

O campus V da UNEB, instalado em Santo Antônio de Jesus-BA, inicia sua etapa de participação no PIBID em 2012, com o subprojeto inscrito pela professora Ana Rita de Araújo Machado, cujo tema foi “Memória, contos e encantos nas expressões sociais e historias no cotidiano dos afros- brasileiros”. Foram concedidas 20 bolsas para bolsista ID, e mais duas bolsas para bolsistas de supervisão atuantes em duas escolas, uma pertencente à rede Estadual de ensino, (Colégio Estadual Luiz Viana Filho) e a outra a rede Municipal (Escola Municipalizada Antônio Fraga).

³ Disponível em: <http://www.uneb.br/pibid>. Acesso em: 07 AGOS 2014.

Serão abordados neste artigo acontecimentos relevantes, frutos do trabalho empreendido na escola Municipalizada Antônio Fraga no ano de 2012 e 2013. A instituição de ensino mencionada tem ensino direcionado à educação infantil e ao ensino fundamental I (1º ao 5º ano). O trabalho em tal instituição de ensino foi executado tendo como base a seguinte temática: “Contos Africanos”. A pretensão foi realizar uma crítica à eventual literatura utilizada nas escolas de todo o Brasil, onde o negro é visualizado sempre de forma negativa, e o branco concebido continuamente como um ser altamente superior. A abordagem deste tema ambicionava ainda exortar à tamanha diversidade de literaturas africanas existentes, possuidora de uma complexidade de temáticas encorpadas de diversas incitações significantes a vida da criança.

O objetivo foi mediar com os discentes conhecimentos mais arraigados sobre suas origens, além de desmistificar ideias racistas que estes ouvem e tomam como verdade. A escassez de literatura, principalmente infanto-juvenil, que discuta a cultura negra sem nenhum teor de preconceito, é grande. Objetivando modificar este cenário, o Presidente Luís Inácio Lula da Silva sanciona em 2003 a lei 10.639/3, tornando obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira em todas as instituições escolares presentes no Brasil, da educação infantil ao ensino superior.

A diversidade que a cultura africana possui, é elemento de suma importância à compreensão de todo acervo enriquecedor da cultura afro-brasileira. Trazer esta cultura através da literatura mostrou-se importante, no sentido de que enlaçou à atenção dos alunos a compreensão de temáticas próximas à sociedade real da qual fazem parte, sendo uma maneira de partida do mundo no qual as bonecas quase sempre são brancas, enquanto os negros são expostos quase sempre de forma degenerativa.

De acordo com Ione da Silva Jovino (2010):

Os negros só aparecem na história a partir do final da década de 20 e início da década de 30, no século XX. É preciso lembrar que o contexto histórico em que as primeiras histórias com personagens negros foram publicadas, era de uma sociedade recém-saída de um longo período de escravidão. As histórias dessa época buscavam evidenciar a condição subalterna do negro. Não existiam histórias, nesse período, nas quais os povos negros, seus conhecimentos, sua cultura, enfim, sua história, fosse retratada de modo positivo.

A presunção final com as observações e aprendizagens que serão adquiridos durante a realização deste projeto teria como desfecho a produção de materiais didáticos relacionados à cultura afro-brasileira.

O PIBID NA PRÁTICA: ESCOLA ANTÔNIO FRAGA

A literatura é um veículo de fundamental importância à transmissão de informações relevantes ao convívio social. De acordo com Luciana Cunha Lauria da Silva e Kátia Gomes da Silva (2011), a literatura também pode contribuir para manutenção de tradições estereotipadas, que acabam legitimando o imaginário social racista. Portanto é necessário analisar criticamente a produção literária, entender seu contexto histórico e questionar as mensagens sublinhadas contida em cada uma delas (SILVA; SILVA, 2011).

O negro passa a ser mencionado na literatura de nosso país a partir de 1856 com o surgimento de “*O comendador*”, escrito por Pinheiro Guimarães. Sem surpresas quanto ao seu teor às abordagens relacionavam os negros a escravidão, sem ressaltar sua contribuição na formação de uma identidade nacional. Os negros eram destacados numa imagem distorcida, por inferiorização devido às ideias eurocêntricas que viam os negros escravizados como selvagens, embrutecidos, ou bárbaros (SILVA; SILVA, 2011). Em 1881, é publicada a obra de Aluísio Azevedo, “*O Mulato*”. É significativo observar, que apesar de ter como objetivo a denúncia do preconceito racial, o autor dá características do homem branco da época ao negro descrito na trama. Isso se repete ao longo das literaturas onde é mostrado o negro, como em “*A escrava Isaura*”, onde Bernardo Guimarães embranquece a escrava para não impactar o público, e esta por possuir pele clara adquire adjetivos incomuns a época aos homens negros.

De acordo com Maria Anória de Jesus Olivera, (2010) em “*O Mulato*” de Aluísio Azevedo, no processo de transformação do protagonista, os traços positivos resultam da ascendência branca, enquanto os negativos emergem da origem negra.

Por fim, como o PIBID foi realizado com um público infanto-juvenil, é proveitoso citar o escritor Monteiro Lobato, aquele que foi o precursor da literatura infanto-juvenil no Brasil, um escritor incrível, que inovou, emocionou, e, no entanto, segundo alguns críticos de sua obra como Suely Dulce de Castilho (2004), afirmam que Monteiro Lobato foi um dos escritores que mais exibiu a negro fobia em suas obras (MARIOSIA, 2014). Esta autora continua discorrendo sobre o assunto, afirmando que:

No universo Lobatino, além da culta Dona Benta, os astutos netos: Emília e o sábio Visconde de Sabugosa; encontramos personagens negros em papéis secundários, associados ao folclore, são eles: Tia Nastácia, tio Barnabé, o saci Pererê e o empregado Garnizé (CASTILHO, 2004).

O trabalho realizado na Instituição Municipal de Ensino, intitulada Antônio Fraga, teve como base a crítica sobre contos infantis europeizados, neste processo foram analisados contos como Cinderela, Branca de Neve, Bela Adormecida entre outros, assim como cenas de novelas, e utilização de contos infantis africanos. Nesse processo, tornou-se perceptível o nível de preconceito impregnado em cada criança, que se mostraram ativamente repreensivas a alguns elementos da cultura negra, como religião, vestimentas e penteados.

Constatou-se também, que apesar de todas as mudanças realizadas no processo educacional brasileiro, e na literatura infanto-juvenil, o cenário de aceitação de ser negro em sociedade, é obscuro. Muito esforço ainda deve ser feito para a realização de mudanças neste quadro. De acordo com Gilmara Santos Mariosa e Maria da Glória dos Reis (2011):

“As crianças crescem com a sensação de que os padrões do belo e do bom são aqueles com os quais se depararam nos livros infantis. As crianças brancas vão se identificar e pensar serem superiores às demais, vão estar em posição privilegiada em relação às outras etnias. As crianças negras alimentarão a imagem de que são inferiores e inadequadas. Crescerão com essa ideia de branqueamento introjetada, achando que só serão aceitas se aproximarem-se dos referenciais estabelecidos pelos brancos. Rejeitando tudo aquilo que as assemelhe com o universo do negro (PAIVA, 2010)”.

Seguindo o raciocínio das autoras, ficou veemente perceptível durante a realização das oficinas o sentimento de superioridade da raça branca sobre as demais, como será descrito a seguir. Percebeu-se ainda uma relativa negatividade e oposição ao ser negro. Neste processo o trabalho realizado também realçou a questão da autoestima de crianças que se sentiam inferiores sob vários aspectos na sociedade em que vivem. O objetivo do projeto foi romper com as representações que inferiorizassem os negros e sua cultura, tentando levar a estes alunos, maior conhecimento e aceitação de sua cultura,

proporcionando atividades de resgate a identidade e valorização de suas tradições religiosas mitológicas e africanas.

DESMISTIFICAÇÕES: A REJEIÇÃO DA PRÓPRIA CULTURA

O trabalho que foi realizado na Escola Municipalizada Antônio Fraga em 2013 abrangeu todas as turmas desta instituição do período matutino, a que este artigo se refere foi uma sala do 3º ano do ensino fundamental I. O numero frequente de alunos nesta sala eram em média 30, possuíam idade entre oito e 12 anos. Grande parte das crianças que formavam esta turma residia em bairros periféricos da cidade.

Nas primeiras observações que realizadas nesta sala de aula, pudemos apreender a grande diversidade de culturas e ideologias que permeavam um único espaço, alunos brancos, negros, mestiços, mulatos, cristãos, protestantes, estudiosos, desinteressados, alguns que aparentavam ter um bom acompanhamento em casa, outros que visualizavam atentamente o contrário. A professora responsável pela turma, afirmou que esta inicialmente era muito agitada, que duas docentes haviam abandonado esta sala anteriormente, e que ela chegou a ir para emergência do Hospital devido uma crise de nervoso, causado pelo mau comportamento de tais alunos. O trabalho com a turma foi juntamente realizado com a professora regente.

Para o início do trabalho com esta classe, foi levado um pequeno mapa-múndi, com todos os continentes, o objetivo foi mostrar a imensidão do continente africano, os alunos ficaram encantados ao perceber que a África se tratava de um continente e não um pequeno país onde residiam apenas negros altamente pobres como a mídia remete. As diferentes culturas existentes na África, assim como suas belezas e riquezas, foram ressaltadas na apresentação deste continente a esta turma. Esta atividade permitiu também que a turma percebesse que na África também existem lugares desenvolvidos e cidades muito bonitas ao contrário da ideia que é propagada nos meios de comunicação nos quais este continente sempre aparece associado a lugares selvagens.

Ao longo do processo foram utilizados diversos recursos para o trabalho com contos infantis, vídeos com trechos de novelas, contos infantis europeizados, a exemplo da Branca de neve, Cinderela, e a Bela Adormecida, músicas, painel ilustrativo, brincadeiras e contos africanos, além de textos que ressaltavam a africanidade de nosso país, com destaque a religião advinda da África, o candomblé. Foi identificada neste processo, uma

grande rejeição a cultura africana, em aspectos relacionados à dança, música, religião e penteados. Era comum os alunos citarem adjetivos pejorativos às histórias e aos personagens negros o que revela a resistência que existe em relação ao protagonismo social do negro em nosso país e isso acontece em todos os espaços.

Os contos populares de tradição africana e afro-brasileira são também um importante e significativo modo de representação da memória e da tradição [...]. Um ponto importante de ser abordado na literatura está no que diz respeito a religiosidade. Não há como abordar a cultura e a a tradição afrodescendente, sem abordar a cultura e a tradição afrodescendente sem mencionar a tradição mitológica (MARIOS; REIS, 2011.p.45).

Em geral, as práticas religiosas de origem africana são associadas ao mal e que trazem prejuízo às pessoas. Isso se mostrou evidente quando ao fazer a leitura de um texto que ressaltava a religião de matriz africana, um referido aluno da turma mencionada, fez a seguinte afirmativa: “*Mas pró, eu ouvir falar na minha igreja que essa religião mata pessoas para oferecer para os demônios*”. A afirmativa foi forte e inesperada, impactante. Ao tentar desmistificar a afirmação articulada por este discente, tentei ser bem didática, afirmando que há uma imensidão de religiões e crenças existentes em todo o mundo, respaldando que cada manifestação religiosa vivenciada nas mais diversas culturas possui credences diferentes. Assim como os protestantes acreditam ver e falar com Jesus, doando parte de seus bens à igreja, os católicos fazem pedidos e oferecem comida e objetos aos santos, assim também os candomblecistas realizam algumas oferendas aos seus deuses. Foi resgatado ainda neste episódio, o respeito que deve ser manifestado a todas as religiões existentes no mundo.

Outra atividade importante realizada foi o painel ilustrativo das profissões. Nesta proposta, foi entregue aos alunos imagens de diversas profissões existentes no mundo, para que ambos relacionassem em um cartaz. Profissões onde empregavam negros em maior parte e as que empregavam branco. O resultado foi surpreendente: as crianças relacionaram as profissões de maior status aos brancos e as de menor prestígio social, aos negros. Dentre as justificativas dos alunos para a maioria das profissões ocupadas por negros vale destacar as seguintes: “*os negros são garis porque não querem estudar*”, “*médico negro eu acho que não combina pró*”, “*negro tem mais força, gosta mesmo de suar a camisa*”. Estas falas

dos alunos revelam o preconceito e a falsa ideia que foi propagada durante séculos de que o negro é fisicamente mais preparado para trabalhos braçais. Ao fim da atividade, foi explicado que os negros atualmente estão atuando em áreas de influente prestígio social, mas isso ocorreu de forma tardia por que os negros chegaram ao Brasil na condição de escravo, e após a abolição da escravatura, foram abandonados à própria sorte, sem casa, comida e emprego, sofrendo o exorbitante preconceito da camada social branca. O direito à escola só vem depois. Para chegar à condição que se encontram atualmente os negros lutaram demasiadamente contra a opressão de uma sociedade racista.

Evidenciou-se durante todo o período presente nesta instituição de ensino, a visão estereotipada que os alunos possuíam dos negros, percebemos também que a denominação “negro” soava de modo negativo para as crianças era como se fosse uma ofensa chama-los dessa forma. Ninguém se considerava negro. Alguns ressaltavam “Sou branco”, “sou moreno”, sou “amarelo”, sou “cabo verde”, mas negro, ninguém afirmava ser, era nesse momento que nossas intervenções enquanto bolsistas e alunos do curso de História eram fundamentais, pois nossa função era justamente identificar essas posturas de não aceitação e a partir disso promover o debate e fomentar a reflexão.

Para Núbia Silva Guimaraes Paiva:

O trabalho na escola com as crianças de quatro e cinco anos é permeado por muitos desafios e conquistas que fazem parte do processo do desenvolvimento e constituição desses sujeitos. Nesta etapa da vida, os pequenos estão descobrindo o mundo e fazendo algumas escolhas relacionadas ao jeito de ser e estar com o outro. Tais escolhas referem-se à construção da personalidade da criança ou personalismo.

Desta forma, entende-se que as crianças que fazem parte desta turma, não se aceitavam como negros porque seu desenvolvimento foi permeado por ideias contrárias em relação à presença do negro em nosso país e no mundo, refletem ideologias do meio onde vivem.

De acordo com Paulo Renato Souza:

A sociedade brasileira tem razões de sobra para se preocupar com as questões raciais. Nossa formação nacional tem, como característica peculiar, a convivência e a mescla de diversas etnias e diferenças

culturais. Temos, em nossa história, a ignomínia da escravidão de africanos, que tantas marcas deixaram em nossa memória e cuja herança é visível, ainda hoje, em uma situação na qual não somente se manifestam profundas desigualdades, mas o fazem, em larga medida, segundo linhas raciais [...].

Estes alunos devem conhecer a cultura afro-brasileira, para de tal forma compreender e querer-se integrar à mesma. Outra experiência que deve ser exaltada descrita foi à exibição do vídeo de “A Bela e a Fera”, após apresentar este vídeo, questionou-se para a turma, como seria a bela, se fosse negra? Juntamente uma imensidão de alunos reagiram desta forma a tal pergunta; “*Seria feia, pois seus cabelos não seriam grandes nem lisos*”. “*Ah pró seria feia porque não seria loira, ela é muito bonita assim*”. “*Ô professora, princesa tem que ser loira*”. “*Seria feia, pois seus cabelos não seriam lisos, e sua pele não seria bonita*”.

O maior conhecimento sobre suas origens é a principal maneira transformadora da imagem estereotipada que estas crianças têm dos negros, fazendo com que muitas vezes sintam-se inferior, por possuir traços africanos. A percepção que ficou sobre a imagem que estes discentes possuem de sua própria cultura, é a de não aceitação, não querer está integrada a sociedade em que compartilha experiências. Parece ser vergonhoso para alguns alunos, pertencer a esta cultura, pois, mesmo tento a pele escura, acreditam não ser negros. Essas crianças e jovens precisam adquirir um conhecimento maior sobre suas origens, para que possam se orgulhar da mesma, entender o processo pelo qual passou o negro em nosso país, para assim ter orgulho de sua raça, e se afirmar como negro.

Desse modo percebe-se que o trabalho de combate ao racismo e todas as formas de discriminação deve ser constante e o professor é um grande agente transformador, e em se tratando de preconceito racial a lei 10.639/2003 deve ser considerada em seu planejamento diário com o objetivo de fortalecer o debate, e reconhecer o valor das riquezas que possui a cultura afro-brasileira.

REFERÊNCIAS

JOVINO, I.S. **Literatura Infanto-Juvenil**. p.(1 a 24).

MARIOSIA, G.S.; REIS, M.G. **A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças.** Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL8AArt06.pdf>. Acesso em: 10 JUL 2014.

OLIVEIRA, M.A.J. **Personagens Negros na literatura infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique 200-2007: entrelaçadas vozes, tecendo negritudes.** João Pessoa. 2010. p.301

PAIVA, N.S.G. **Olhares e Trilhas.** ano XI, nº 11. 2010, p.85-96 .

SILVA, K.G.; SILVA, L.C.L. **O negro na literatura infanto-juvenil brasileira.** Revista Tema.v.8. p.02, 2011.

SOUZA, P.R. **Superando o Racismo na escola.** Or. Kabengele Munanga. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf. Acesso em: 18/ Agos 2014.